

# A influência do *outro* na formação da identidade do herói da série *Harry Potter*

Jhony Adelio Skeika

Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR, Brasil

## Resumo

Segundo o conceito de *exotopia* do russo Mikhail Bakhtin, é a visão externa a única capaz de fornecer as informações que nos permitem definir-nos como sujeitos. Exotopia é o excedente de visão do *outro*, é o desdobramento das múltiplas opiniões exteriores sobre nós. Sob esse enfoque, o olhar alheio é o grande responsável pela nossa formação identitária, já que “avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência” (Bakhtin, 2003: 17). Com base nessa perspectiva teórica, este trabalho se propõe a analisar como as identidades do herói e do vilão da série *Harry Potter* (Rowling, 1997-2007) são construídas, investigando como o *outro* interfere direta ou indiretamente na consciência e visão de mundo dessas personagens.

## Introdução

Segundo o conceito de *exotopia* do russo Mikhail Bakhtin, é a visão externa a única capaz de fornecer as informações que permitem nos definir como sujeitos. Exotopia é o excedente de visão do *outro*, é o desdobramento das múltiplas opiniões exteriores sobre nós.

Sob esse enfoque, o olhar alheio é o grande responsável pela nossa formação identitária, já que “avaliamos a nós mesmos do ponto de vista dos outros, através do outro procuramos compreender e levar em conta os momentos transgredientes à nossa própria consciência” (Bakhtin, 2003: 17).

A literatura, segundo Jonathan Culler (1999: 108), sempre se preocupou com questões de sujeito e identidades. Neste sentido, a produção ficcional oferece uma gama de modelos implícitos de representação de formação identitária (idem: 109):

Há narrativas em que a identidade é essencialmente determinada pelo nascimento: o filho de um rei criado por pastores é ainda fundamentalmente um rei e por direito se torna rei quando sua identidade é descoberta. Em outras narrativas, os personagens mudam de acordo com as mudanças em seus destinos, ou então a identidade se baseia em qualidades pessoais que são reveladas durante as atribuições de uma vida.

Dessa forma, este estudo se propõe a fazer uso de exemplos de um texto ficcional para analisar como a identidade, ou identidades, pode(m) ser moldada(s) pela visão externa, a visão do *outro*. A narrativa escolhida então é a série *Harry Potter* (HP),<sup>1</sup> sequência de sete livros da escritora inglesa J. K. Rowling, publicada entre 1997 e 2007,<sup>2</sup> que conta a história de um bruxo adolescente. Porém, para este trabalho serão apenas considerados dois episódios do primeiro livro da série: *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (2000).

1 Será usado *Harry Potter* (em itálico) sempre que o nome se referir ao título da série. Porém, nas citações serão usadas apenas suas iniciais, por exemplo: HP e a Pedra Filosofal, 2000, p. 1.

2 HP e a Pedra Filosofal, 1997; HP e a Câmara Secreta, 1998; HP e o Prisioneiro de Azkaban, 1999; HP e o Cálice de Fogo, 2000; HP e a Ordem da Fênix, 2003; HP e o Enigma do Príncipe, 2005; HP e as Relíquias da Morte, 2007.

Nessa obra, o herói, cujo nome intitula a série, encontra-se em pleno processo de auto-conhecimento, amadurecimento e formação identitária. Como é possível perceber claramente a influência *alheia* nesse processo interferindo direta ou indiretamente na consciência e visão de mundo dessa personagem, esta análise propõe uma leitura do conceito de exotopia de Bakhtin na configuração da imagem pessoal e heroica de Harry Potter.

## Exotopia

A tradução da expressão do russo para o francês, *exotopie*, foi proposta por Tzvetan Todorov, o qual foi primeiro a sintetizar os pensamentos do russo Mikhail Bakhtin para a Europa Ocidental<sup>3</sup>. Apesar de muitas críticas, o termo forjado pelo filósofo francês é bastante pertinente, já que expressa sinteticamente o sentido que se produz na obra de Bakhtin a respeito do *lugar exterior*; O termo *exotopie* começou a ser concebido em 1919, mas foi apenas entre 1922 e 1924 que ele ganhou forma (Amorin, 2006: 95-96).

O conceito de exotopia é um dos elementos que constituem uma matriz teórica maior: o dialogismo. Bakhtin propõe um olhar dialógico sobre a língua e suas manifestações, em especial a literatura, defendendo um processo dinâmico, uma constante troca, um diálogo permanente entre os meios e sujeitos em que linguagem perpassa.

Para Bakhtin (2003: 261) “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, tudo é construído pela linguagem, por discursos, inclusive os aspectos identitários dos sujeitos, os quais são afetados diretamente pela multiplicidade da língua, pelos discursos alheios.

Esse autor defende que o *outro* possui um excedente de visão, que nós, dentro dos nossos limites, não temos, e vice-versa.

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, e sua expressão –, o mundo atrás dele, toda uma série objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (Bakhtin, 2003: 21)

Dessa forma no olhar do *outro* se revelam coisas que jamais veremos, o que torna o discurso alheio de grande influência. O homem precisa do *outro* para criar sua imagem externa, para esculpir o “valor plástico do corpo exterior” (Bakhtin, 2003: 46). Uma criança, por exemplo, apenas se reconhece no mundo devido ao discurso da mãe ou das pessoas que assumem esse papel indicativo, pois, como um ser “cru” em linguagem, é incapaz de identificar a si mesma a as coisas ao seu redor, precisando ser “enformada axiologicamente” (idem: 47).

“Partindo de dentro de si mesmo, sem nenhuma mediação do outro que ama, o homem nunca conseguiria falar a seu próprio respeito” (idem: 47). Dessa forma pode-se dizer que o discurso do *outro* é crucial para a (re)formulação de toda a identidade, toda consciência e visão de mundo individual.

É esse viés que sustenta o conceito de exotopia, o qual “designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro” (Amorin, 2006: 101).

---

3 Todorov, T. *Mikhail Bakhtine: Le principe dialogique*. Paris, Seuil, 1981.

## Exotopia em *Harry Potter: A Pedra Filosofal* (2000)

Harry Potter é um menino comum, de “rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes” e com “uma cicatriz fininha na testa que tinha a forma de um raio” (HP e a Pedra Filosofal, 2000: 22), que descobre aos onze anos de idade que é um bruxo e que tinha uma vaga para estudar bruxaria na mais bem conceituada escola magia de Grã-Bretanha: Hogwarts.

O menino que era órfão e morava com tios maternos nada afáveis –Os Dursley–, descobre também que seus pais não tinham morrido em um acidente de carro como soubera pela boca de seus parentes, e sim foram assassinados pelo maior feiticeiro das trevas que o mundo bruxo (que coexistia fantasticamente ao “mundo real”) já vira. Harry, na época com apenas um ano de idade, também teria sido atacado pelo mago, mas milagrosamente saiu ileso do covarde duelo apenas com uma cicatriz na testa.

É a partir dessas primeiras revelações que o protagonista da série desencadeia um processo de autoconhecimento, a partir do qual vai se formando como indivíduo e como o herói da história. Mesmo antes de adentrar aos limites do castelo de Hogwarts, há uma insegurança muito grande da sua parte, pois ele mesmo sem saber ou querer tinha derrotado o maior bruxo das trevas que já existiu, Voldemort, e todos esperavam que ele fosse, por causa disso, um bruxo excepcional: “Acho que podemos esperar grandes feitos do senhor, Sr. Potter. Afinal, Aquele-Que-Não-Se-Deve-Nomear<sup>4</sup> realizou grandes feitos, terríveis, sim, mas grandes” (HP e a Pedra Filosofal, 2000: 78).

Harry sem querer já possui uma identidade, mesmo que involuntária, pré-definida pelo discurso da comunidade bruxa: ele é um herói indiscutivelmente e seus pais eram grandes bruxos, o que se espera que ele também seja.

– Ele vai ser famoso, uma lenda. Eu não me surpreenderia se o dia de hoje ficasse conhecido no futuro como o dia de Harry Potter. Vão escrever livros sobre Harry. Todas as crianças no nosso mundo vão conhecer o nome dele!

(*HP e a Pedra Filosofal*, 2000: 17)

– Eu sou o quê? – ofegou Harry.

– Um bruxo, é claro – repetiu Hagrid, recostando-se no sofá que gemeu e afundou ainda mais–, e um bruxo de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno treino. Com uma mãe e um pai como os seus, o que mais você poderia ser? (idem: 49).

O narrador de *Harry Potter*, segundo Tom Morris (Bagget e Klein, 2007: 23), descreve as emoções de todas as personagens, exceto de Harry, vistas pelo lado de fora, a partir de seus comportamentos corporais. “Somente os sentimentos de Harry são caracterizados pelo lado de dentro, como se Rowling quisesse que o leitor entendesse claramente o que Harry está passando quando é confrontado com um grande perigo ou incerteza”. Devido a essa característica do narrador da série, que logicamente é em terceira pessoa, sabe-se dos conflitos internos da personagem, o que, para nossa análise, será de grande significância.

Como todos esperavam que o menino-que-sobreviveu<sup>5</sup> fosse um grande bruxo, sobre o herói recai o dever de não decepcionar os *outros* e, por isso, ele entra em um conflito que podemos observar pela descrição do narrador:

4 Voldemort era tal vil e o povo tinha tanto medo dele que se criou um tabu para com seu nome. Por isso, ao invés de pronunciar Voldemort, todos preferiam referir-se a “aquele-que-não-se-deve-nomear” ou “você-sabe-quem”. Porém, poucos sabiam que na verdade seu nome verdadeiro era Tom Servolo Riddle.

5 *The-boy-who-lived* em inglês. Um dos epítetos do herói, já que o herói foi o único na história dos bruxos a sobreviver à maldição imperdoável da morte –feitiço que Voldemort usou contra Harry– *Avada Kadavra*.

Harry, ao invés de se sentir contente e orgulhoso, teve a certeza de que tinha havido um terrível engano. Bruxo? Ele? Como era possível? Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Válter; se era realmente um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentaram prendê-lo no armário? Se uma vez derrotara o maior feiticeiro do mundo, como é que Duda sempre pudera chutá-lo para cá e para lá como se fosse uma bola de futebol?

–Rúbeo –disse calmo –acho que você deve ter cometido um engano. Acho que não posso ser um bruxo.

Para sua surpresa, Hagrid deu uma risadinha abafada.

–Não é bruxo, hein? Nunca fez nada acontecer quando estava apavorado ou zangado? (*HP e a Pedra Filosofal*, 2000: 54).

Harry lembra então situações em que ele, por um “passe de mágica” se livrou de situações de difíceis, como quando estava sendo perseguido pela turma de Duda, seu primo, e magicamente apareceu no telhado da escola; ou quando sua tia Petúnia cortara seus cabelos rebeldes e ao acordar na manhã seguinte viu que os cabelos tinham crescido novamente como se jamais tivessem sido cortados.

Nesta situação vê-se a influência do discurso alheio sobre a consciência do protagonista. Harry sabia que conseguia fazer coisas extraordinárias, mas foi preciso que Hagrid fizesse o menino se lembrar que era diferente, caso contrário ele ficaria no conflito e, provavelmente, acabaria se negando identitariamente.

Outra passagem que merece destaque é quando Harry está prestes a ser selecionado para uma das casas de Hogwarts<sup>6</sup>. Nesse episódio há outro conflito vivido pelo menino, pois segundo seu amigo Rony Weasley “não tem um único bruxo nem uma única bruxa desencaminhados que não tenham passado por Sonserina. Você-Sabe-Quem foi um deles”.

Harry fica muito nervoso com a possibilidade de ser selecionado para morar na Sonserina, pois isso seria o mesmo que dizer que ele era predestinado a ser uma pessoa má. Porém outra coisa também o preocupava:

Um pensamento horrível ocorreu a Harry, como fazem os pensamentos horríveis quando a pessoa está nervosa. E se ele não fosse escolhido? E se ficasse ali sentado com o chapéu na cabeça cobrindo seus olhos durante um tempão, até a Profa. Minerva arrancá-lo de sua cabeça e dizer que obviamente houvera um engano e era melhor ele pegar trem de volta? (*HP e a Pedra Filosofal*, 2000: 107).

No entanto, ele é salvo pelo *outro*. O chapéu seletor, objeto mágico usado para fazer a seleção dos alunos para as casas da escola, vê em sua cabeça coisas que nem mesmo Harry sabia, dizendo ao menino que ele era *sim* um bruxo, devolvendo a Harry certa “certeza” identitária:

–Difícil. Muito difícil. Bastante coragem, vejo. Uma mente nada má. Há talento, ha, minha nosa, uma sede razoável de se provar. ora isso e interessante... Então, onde vou colocá-lo?

Harry apertou as bordas do banquinho e pensou “Sonserina não, Sonserina, não”.

–Sonserina não, hein? –disse a vozinha– Tem certeza? Você poderia ser grande, sabe, está tudo aqui na sua cabeça, e a Sonserina lhe ajudaria a alcançar essa grandeza, sem dúvida nenhuma. Não? Bem, se você tem certeza, ficará melhor na GRIFINÓRIA! (*HP e a Pedra Filosofal*, 2000: 107-108).

Mesmo o chapéu lhe dizendo que Harry poderia ter um grande desempenho se ficasse na Sonserina, a influência do *outro*, o discurso que Rony lhe apresentou dizendo que todo bruxo que

6 Os alunos de Hogwarts são divididos em quatro casas, as quais receberam os nomes dos quatro fundadores da escola: Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin. Na tradução para o português, os nomes das casas são Grifinória, Lufa-lufa, Corvinal e Sonserina, respectivamente.

mora na casa da Sonserina acaba ficando mau, é maior. Harry, como herói da série, tradicionalmente não poderia associar-se ao lado das trevas e por isso acaba ficando na mesma casa em que morou seus pais, seu padrinho e Alvo Dumbledore, talvez a personagem que mais representa o lado do bem na série.

Nos episódios descritos percebe-se que o *outro* tem grande influência para a formação da identidade de Harry Potter, como pessoa e herói da narrativa. Porém, há diversas outras cenas cujo conceito de exotopia de Mikhail Bakhtin se encaixa, as quais serão descritas e devidamente analisadas na continuação desses estudos.

## Referências

Amorin, M. 2006. “Cronotopo e Exotopia”, em Brait, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo, Contexto, pp. 99-114.

Culler, J. 1999. *Teoria Literária*. Vasconcelos, Sandra (trad.). São Paulo, Beca Produções.

Bakhtin, M. 2000. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Wylter, Lia (trad.). Rio de Janeiro, Rocco.

-----, 2003. *Estética da criação verbal*. Bezerra, Paulo (trad.). 4° ed. São Paulo, Martins Fontes.

---

**CV**

JHONY ADELIO SKEIKA É ESTUDANTE DO CURSO DE MESTRADO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, PARANÁ, BRASIL. ATUALMENTE ESTUDA A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE CLARICE LISPECTOR, ESCRITORA BRASILEIRA.

---